

APRESENTAÇÃO

Ricardo Luiz Sapia de CAMPOS¹

Dossiê: “Identidade Rural, cultura e meio ambiente”

É com satisfação que apresentamos mais um número da REDD, neste, o dossiê: “Identidade rural, cultura e meio ambiente”, continuando com a proposta “experimental”, plural, e ao mesmo tempo “crítica” e comprometida do periódico.

O dossiê contempla trabalhos que tem como núcleo a produção em sentido amplo (material e imaterial) de uma agricultura alternativa, (orgânicos, *fair-trade*, soberania alimentar, mercados alternativos, agroecologia, pesca artesanal dentre outros); sistemas de produção como desenvolvimento local, agricultura familiar, cooperativismo, assalariamento, etc., em torno da produção da identidade dos agentes. Chama atenção que esta sugestiva “nova identidade” é dotada de fatores (ou valores) ligados ao conhecimento. Trata-se de um tipo de produção, em todos os casos, dependente do conhecimento enquanto elemento da própria cooperação produtiva. O sucesso do resultado final desta cooperação depende da mobilização de fatores cognitivos intrínsecos e imediatos ao próprio ato da produção (criação). Os textos que compõem este dossiê vis-à-vis têm em comum esta característica.

Portanto, diria que este dossiê, a exemplo do que temos conseguido fazer nos números anteriores, tem se pautado pela pluralidade de leituras sobre temas de domínios públicos, ou de validação da “humanidade”, para lembrar o pensador alemão Georg Simmel, para quem fazer sociologia significava se vincular a especificidade, incompletude e imperfeição de um grupo de interesse. No sentido desses argumentos a prática duma agricultura que busca a saciedade de necessidades materiais e imateriais (saciar a fome, produzir cultura de integração, etc.) é tema comum da humanidade, mas a vinculação de interesse que nos une na proposta desse dossiê é a “alternatividade”. Alternatividade ligada à miríade de possibilidades da recomposição produtiva, de distribuição das riquezas socialmente produzidas, de recomposição entre capital e trabalho, ou seja, entre concepção e execução do trabalho, da reapropriação e valorização do conhecimento, etc. O conteúdo do material que compõe este dossiê mostra tais características.

O Professor João Carlos Zuin faz o texto de homenagem a Ulrich Beck falecido prematuramente no início de 2015. Nele o autor insere Beck na tradição do pensamento

¹ UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Sociologia. Coordenador do Grupo de Estudos: Capitalismo Cognitivo, Ruralidade e Agricultura. Araraquara – SP - Brasil. 14.800-901 - sapiacampos@yahoo.com.br

alemão recuperando o debate sobre a importância e a singularidade do papel e do intelectual, ou “intelectual militante” na abertura de novas brechas e possibilidades de atuação na sociedade. Situa o pensamento do sociólogo alemão no contexto da sua produção, e na empreitada duma “sociologia do tempo presente”.

O Texto de Clayton Silva e Loreley Garcia “Sementes livres: ações pela soberania da natureza” abre a seção “artigos”, trabalho tanto interessante quanto ousado apresenta experiência de pesquisa realizada na Índia em 2012 em torno da apropriação do conhecimento de pequenos produtores por grandes corporações agrícolas. “Sementes livres” é um clamor a “necessidade de liberdade” como resultado da apropriação da produção de vida por aqueles que efetivamente produzem. O “cultivares primitivo” contra o “cultivares elite”. A apropriação do conhecimento tem como resultado a produção da fome, privatizando (e, portanto, privando) o “direito” ao “alimento” com características e diversidades. O “cultivares elite” é a negação da própria semente enquanto produção “natural” e biopolítica.

Em “Da mercantilização da natureza à criação de mercadorias verdes” os autores Mariana Gameiro e Rodrigo Constante Martins, discutem a partir de textos de autores clássicos de que maneira a nova “onda” preservacionista em valores de reaproximação entre o “homem e a natureza” se constituem em novas formas e possibilidades de acumulação. Mercantilização da natureza e ainda mercantilização da “sustentabilidade ambiental” são, mais do que uma ideologia uma práxis produzida por experiências produtivas e societais.

“Uma análise das consequências da cafeicultura convencional e das opções de modelos sustentáveis de produção: agricultura orgânica e agroflorestal” é um texto escrito em seis mãos: Paulo Lopes, Keila Araújo, Iara Lopes, Rafael Rangel, Núbia Santos e Paulo Kageyama. Trata-se de estudo sobre impactos ambientais da cafeicultura convencional no Brasil, tendo como foco empírico o caso do sul de Minas Gerais. A contraposição é feita com o modelo de agricultura alternativa, no caso a produção de café orgânico, e de que maneira este modelo alternativo contribui com a “preservação ambiental” num mix de “harmonia” da agricultura enquanto evento de cultura, com a natureza.

O trabalho de Annelise Fernandez: “Eu vivo da natureza: resistência e conversão agroecológica de produtores na cidade do Rio de Janeiro”, inserido no rol de trabalhos que discutem os novos espaços da produção coloca a “resistência” (ressignificação, busca identitária) enquanto produção de modo de vida. Faz este percurso com os produtores de Maciço da Pedra Branca, zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Parte deste território hoje Parque Estadual da Pedra Branca –PEPB - foi cenário do processo de “industrialização forçada” que no caso estudado produziu uma miríade interessante na construção e afirmação

APRESENTAÇÃO

de um novo sujeito. A autora faz este percurso “por dentro da sociologia rural” debatendo com os principais autores brasileiros e recuperando as sínteses produzidas.

As autoras Renata Bernardino e Eliana Creado propõem o trabalho: “Conexões e fluxos socioculturais que constituem a feira orgânica do bairro Barro Vermelho: Vitória/ES”. Um estudo sobre o perfil dos consumidores de alimentos de feiras de produtos orgânicos. Também por se tratar de pesquisa desenvolvida em curso de mestrado, as autoras mobilizam uma instigante discussão teórica dentre outros com o pensamento de Bruno Latour.

Claudiane Sousa no trabalho: “Resistências e produção social, política e econômica: a produção de boa gente no campesinato Quilombola amazônico” nos brinda com experiências e resultados de campo que aparecem o tempo todo na redação do artigo. Interessantemente recupera o clássico debate sobre a pertinência do campesinato e da “condição camponesa” no cenário atual pontuando um “argumento forte” amparado em Marx: no processo de cooperação produtiva o produtor e a cooperação social são produzidos antes do produto final. Esta cooperação social produzindo “boa gente” é o resultado da resignificação do campesinato.

Fabiano Moreira e Madalena Schindwein propõem o trabalho coletivo: “A gestão como desenvolvimento local na agricultura familiar e nos assentamentos rurais: uma análise para Nova Andradina/MS”, onde dão um novo significado para a agricultura familiar. Resultado este, como o “desenvolvimento local”, extraído do fluxo construtivo da “experiência” dos atores. Apresentando os resultados da pesquisa os autores repropõem o conceito de agricultura familiar.

O trabalho intitulado: “A contribuição da mulher pecuarista como potencial ator na preservação da atividade pecuária de corte no município de Dom Pedrito – RS”; dos autores: Tatielle Langbecker e Cleiton Perleberg recuperam a tradição pecuária do Estado, e de que maneira esta “tradição” é “reinventada” tendo como protagonista a mulher. Interessantemente esta atividade que se reinventa aparece como alternativa à agricultura de *commodities*, e como solução real à centralização das decisões “masculinas” (dos maridos). Mais do que isso como alternativa à organização da produção e da propriedade. Um estudo sobre a reinvenção do trabalho vivo, ou então do “trabalho produtivo”. Disponibilizam metodologia de pesquisa e análise dos resultados.

Renan Araújo e Amanda Ribeiro propõem o texto: “O crescimento da agroindústria avícola e as alterações no trabalho familiar rural”; analisando desde um lócus empírico no noroeste do Paraná, como, famílias ligadas a pequena produção agrícola se inseriram na práxis e cultura da produção industrial via o caso da produção avícola. O chamado processo

de “acumulação flexível” faz do setor avícola, em princípio ligado a produção e cultura agrícola (“camponesa”), um dos setores de ponta da chamada produção industrial. Os autores discutem sobretudo, como se dão as relações de trabalho no setor e apontam tratar-se de um tipo de trabalho de baixa qualificação e remuneração, agora realizado por imigrantes, no caso em pauta os haitianos. Tudo inserido no contesto da justificativa desenvolvimentista de geração de produção, receita, emprego e renda.

Winifred Knox e Aline Trigueiro trazem o texto: “A pesca artesanal, conflitos e novas configurações” na costa litoral do Espírito Santo. Resultado de pesquisa com trabalho de campo em comunidades de pescadores. As autoras demonstram como os efeitos da modernização desordenada ligada diretamente à industrialização e decantadas em atividades portuárias, de escoamento e comércio, têm afetado estas comunidades. Interessantemente a conclusão é que a melhor via seria “inserir” neste ambiente os “produtores”, as comunidades que secularmente estão em “harmonia com a natureza produzindo uma cultura não agressiva ao ambiente”.

A parte “estudos” reflete a proposta de “abertura” da revista buscando um conhecimento em “vias de fazer-se”, para lembrar Bourdieu quando discute acerca da epistemologia da ciência. Os textos propõem (levantam) questões de conteúdo, mantendo-se abertos (até mesmo pela extensão) ao diálogo e ao debate sobre possibilidades de leituras sobre a realidade social. É o caso do trabalho de Jéssica Troiano que com o texto: “A subjetividade do novo agente produtivo-consumidor na produção orgânica: o caso do instituto ANNONA de Agricultura sustentável”, lança bases de interpretações bastante originais, mas, sobretudo, um rico material de pesquisa. A jovem autora estuda uma associação de produtores orgânicos e biodinâmicos do interior paulista, e recoloca dentre muitos, o tema do desenvolvimento local e do potencial produtivo regional, haja vista, o estudo de caso acontecer numa região donde se propaga terem sido extintas as experiências de pequena produção em detrimento do agronegócio da cana de açúcar. Nesta mesma linha o texto de Camila Vieira, “Produtos orgânicos no Brasil: interfaces da sua legislação”. Os resultados e percepções da jovem pesquisadora são de caráter experimental propositivo em torno da temática da legislação sobre a produção orgânica. Interessante que a definição desta legislação (de cunho estatal) acontece na valorização do potencial do agente. Como no caso do trabalho de Jéssica na busca dum agente produtivo – consumidor, o texto de Camila é, por assim dizer, “bastante sociológico” buscando entender o comportamento do agente e sua ação contextualizada. Daniela de Lima apresenta a pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP Araraquara cujo título do trabalho é: “O

movimento *slow food* e as mudanças alimentares no contexto da globalização”. Nele a autora propõe as bases da sua pesquisa na busca pelos desdobramentos do movimento *slow food* no Brasil, situando o mesmo como uma espécie de movimento social de nova ordem. Um movimento organizado em torno de questões altamente subjetivas como valores, gosto, qualidade, estética, etc. Licia Nara Fagotti outra “jovem autora” com tema e pesquisa bastante originais propõe o texto: “Comunicação, cooperação e desenvolvimento agrícola entre pequenos produtores em municípios da região de Araraquara”. Trata-se de estudo sobre o fluxo de comunicação social entre os pequenos produtores da região de Araraquara. A produção estudada em três experiências (cooperativas) típicas do interior paulista é ao mesmo tempo resultado e instrumento da cooperação produtiva. Rafael Claro com o texto: “Alambiques e pequena produção no interior paulista: informalidade como identidade e preservação do modo de vida dos produtores frente às demandas do mercado” propõe estudo sobre a sociabilidade e a recuperação de um “modo de vida” enquanto fator de experiência dos pequenos produtores de aguardente do interior paulista. Inovador o tema e os resultados, haja vista que estudos sobre a produção de cachaça têm sido caros as ciências mais exatas (economia, administração, agronomia, etc.), mas pouco estudado pelas ciências sociais. E por fim o texto de Andréia Roviero, “Estudo dos pequenos produtores e fornecedores de cana e terra para as usinas de açúcar e álcool do interior paulista: o caso da região central do estado de São Paulo”, traz uma colaboração singular. Muito se tem falado do agronegócio, em se tratando do interior paulista, do setor sucroalcooleiro de maneira geral. Dos danos ambientais e dos fatores relacionados à pauta trabalhista; por outro lado, ou pensando pelo lado da pequena produção, das políticas de reforma agrária bem como das experiências produtivas em assentamentos. Todavia não se encontra facilmente estudos sobre esta figura no mínimo “emblemática” que é o pequeno fornecedor ou arrendatário de terra para as usinas do setor sucroalcooleiros.

Temos por fim duas belas resenhas que acompanham este número. Uma delas, extensa e articulada, é de Djalma Nery e Flávia Torunsky, intitulada: “Agricultura apoiada pela comunidade e a “economia viva” de Rudolf Steiner”; em que os autores resenham a obra do influente pensador alemão Rudolf Steiner, com vistas a uma experiência contemporânea com agricultores e consumidores. Apóiam-se ainda na obra *Farms of Tomorrow Revisited*, dos autores Trauger Groh e Steven MacFadden inseridos dentro da chamada antroposofia. Os autores acabam por trazer o pensamento de Steiner e a própria experiência vivenciada para o campo do debate.

APRESENTAÇÃO

A outra resenha de Alexandro Arbarotti do livro *Há mundo por vir?*, de Deborah Danowski e Eduardo Viveiro de Castro instiga a discussão que inicia este número da REDD e que de certa maneira percorre os trabalhos apresentados. “Há mundo por vir” da forma que estamos produzindo e nos relacionando com ele?